

Literatura em campo expandido: práticas intermediárias de criação literária e artística no mundo contemporâneo

Alex Martoni¹

Maria Cristina Cardoso Ribas²

Thaís Flores Nogueira Diniz³

Ao mencionar Rosalind Krauss, quando ela, em 1979, propôs a ideia de escultura num “expanded field”, a pesquisadora Florencia Garramuno (2014) considerou inspiradora a ideia e, ao pensar a literatura contemporânea em campo expandido, enfatizou “o transbordamento de alguns dos limites mais conspícuos que haviam definido o literário com relativa comodidade, pelo menos até os anos 1960.” Esse transbordamento, vivido cada vez mais intensamente hoje, a que ela reconhece como a inespecificidade da estética contemporânea” e conclama literatura “fora de si”, problematiza concepções e pressupostos de ordem estética e social que estigmatizam as manifestações culturais e artísticas. Como pensar o literário *per se*, autônomo, indivisível, absoluto, isolado?

Todas as competências artísticas específicas tendem a sair de seu próprio domínio e a trocar seus lugares e seus poderes. Hoje temos teatro sem palavras e dança falada; instalações e performances como se fossem obras plásticas; projeções de vídeo transformadas em ciclos de afrescos e murais; fotografias tratadas como quadros vivos ou pintura histórica, escultura metamorfoseada em show multimídia e outras combinações. (RANCIÈRE, 2017, p. 24).

Por isso, em acordo ao presente dossiê, reiteramos que a citada emergência de novos meios técnicos de registro, processamento e transmissão de palavras, sons e imagens nas

¹ Professor do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Doutor em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense, com doutorado-sanduíche/CAPES pela Stanford University. Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Licenciado nas Línguas e Literaturas Portuguesa, Francesa e Inglesa pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-5066-468X>. E-mail: alekzmartony@hotmail.com.

² Professora Associada do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Letras (Ciência da Literatura/Teoria) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestra em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Graduada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-2289-4004>. E-mail: marycrisribas@gmail.com.

³ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais/University of Indiana at Bloomington. Mestra em Inglês pela Universidade Federal de Minas Gerais. Licenciada em Português e Inglês e suas Literaturas pelo Instituto Metodista Izabela Hendrix. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4726-8536>. E-mail: thaisfnd@ufmg.br.

últimas décadas implicou profunda expansão das formas de narratividade e produção poética. Nesse contexto, linguagens, meios e formas de expressão próprias a diferentes domínios artísticos e midiáticos passaram a constituir um campo de permanente negociação entre processos de tradução, adaptação, migração, apropriação e hibridação. No que diz respeito, particularmente, à literatura, as distintas formas de mediação à qual ela está sujeita (página impressa, tela, som e imagem) vem constituindo novos horizontes de reflexão teórico-crítica em consonância com a ampliação vertiginosa de experiências intermediais na produção literária contemporânea, como a inserção de fotografias e documentos na página impressa, a experimentação *verbivocovisual* no âmbito da tela, as interseções entre poesia, voz e performance, e o aspecto transcultural das adaptações literárias para o cinema e os quadrinhos, sem esquecer as fortes implicações deste mosaico composicional nos processos de apropriação, releitura e reescritura.

A mistura, portanto, é uma condição *a priori*, presente em todos os textos e que inclusive está na própria noção de mídia e mediação, noção que implica mescla de elementos sensoriais, perceptivos e semióticos. Hoje, entendendo a Intermedialidade como processo, experienciamos a proliferação de transposições, combinações, referências, citando as três categorias formuladas pela teórica alemã Irina Rajewsky (2012) em sua perspectiva literária da Intermedialidades (*stricto sensu*). Voltadas à identificação das diferentes configurações e qualidades intermediárias específicas, temos a *transposição*, que consiste na transformação de um produto de mídia em outro, como ocorre, por exemplo, nas adaptações e romantizações; a *combinação*, em que diferentes formas midiáticas convivem juntas mas permitem a identificação das mídias constituintes - como na ópera, no teatro e nas instalações artísticas; e as *referências*, em que se evoca, imita, recria ou tematiza elementos constitutivos de outras mídias.

Em diálogo com Jørgen Bruhn (2020, p. 17), “para quem todos os textos, incluindo os literários, inevitavelmente refletem uma constelação mista”, as misturas se dividem não em três, mas em dois grandes grupos. O pesquisador reitera que, embora as misturas compartilhem um número limitado de componentes básicos, isso não significa que as midialidades sejam as mesmas, nem que sejam misturadas do mesmo modo. É preciso considerar que as midialidades passarão por modificações devido às transformações dos campos estético, sociais e tecnológicos; por estas razões, as misturas midiáticas podem ser divididas, conforme citado, em dois grupos: combinação – quando existem sincronicamente, “dentro” do mesmo produto de

mídia; e transformação - quando “O processo está transferindo certos aspectos [deixando alguns ‘fora’] e, ao mesmo tempo, transformando tudo em um novo produto de mídia; enfim, ‘transferências’”, no neologismo do próprio Bruhn (2020, p. 34).

Dentro dessa perspectiva, o número 46 da SOLETRAS propôs-se a fazer um mapeamento das diferentes práticas de criação literárias e artísticas no mundo contemporâneo, colocando em relevo os processos intermediáticos que lhes impõem diferentes configurações qualitativas.

Ante a complexidade das misturas, conhecendo a diversidade das mídias, os diferentes modos em que se articulam e as interferências dos contextos sociais, aparatos tecnológicos e campos estéticos sobre as midialidades, dividimos os estudos em três seções, todos com suas dimensões teórico-críticas, mas diferenciados pela abordagem metodológica. Temos, portanto: (1) Práticas expandidas de escrita; (2) Linguagens em trânsito: literatura, cinema, quadrinhos, música; e (3) Poéticas digitais.

A primeira seção reúne artigos que se dedicam à análise de práticas de escrita as quais articulam, de modos distintos, signos verbais, visuais e sonoros. Os dois artigos que abrem a seção realizam uma consistente perspectivação do problema: em “O lugar da instalação literária na literatura brasileira contemporânea”, Carolina Barbosa Lima e Santos e Paulo Eduardo Benites de Moraes realizam um mapeamento cuidadoso das condições de emergência desse fenômeno, propondo pensá-lo a partir do conceito de *instalação*, próprio às artes visuais; já no instigante estudo “Escritas performativas: três estudos de caso brasileiros”, Irma Caputo se debruça sobre um conceito que vem se tornando um importante operador descritivo e analítico no domínio da literatura contemporânea brasileira – o de *escrita performativa* –, buscando investigar as operações de linguagem que permitem defini-la como traço concernente a determinadas práticas de criação literária. Os três artigos subsequentes nos oferecem, em seu conjunto, estudos de casos em que, ao repertório próprio aos estudos de intermidialidade, são também mobilizados conceitos da linguística, da crítica feminista. Em “Transmidialidade e reescrita criativa em *Algo Antigo*, de Arnaldo Antunes”, por exemplo, Verônica Daniel Kobs analisa detalhadamente os caracteres hipermidiático, multimodal e de transletramento, decorrentes do processo de transposição que o conhecido artista paulistano realiza do livro impresso à produção audiovisual. Angélica Amâncio, por seu turno, nos mostra, em “Representações intermediáticas da violência de gênero em Patrícia Melo e Luiza Romão”, de

que forma um conjunto de operações realizadas no âmbito das escolhas lexicais, da inserção de imagens e dos elementos perigráficos se constituem como uma forma contundente de crítica à violência colonial. Uma das linhas de força de sua análise demonstra o quanto uma abordagem intermediática fornece elementos para compreender como a Intermedialidade pode ser empregada não apenas por seu valor estético, mas também por sua capacidade de potencializar críticas de cunho social, das legíveis às mais sutis.

Em “Movimento, imagem e fronteira em Gonçalo M. Tavares: por uma literatura expandida”, Bruna Fontes Ferraz e Maria Elisa Rodrigues Moreira analisam três obras - *O bairro*, *Short movies* e *Atlas do corpo e da imaginação* - como forma de descrição do processo de espessamento de fronteiras e, ao mesmo tempo, dizem as autoras, para investigar como tais obras “constituem-se, cada qual à sua maneira, como espaços que cruzam saberes e movem as artes, ao proporcionar um contínuo contato, cujas fronteiras funcionam como zonas abertas de interface e de transição”.

Dois trabalhos colocam em evidência a expansão que dissolve os limites entre o popular e o erudito. Nesse sentido, o artigo “Uma abordagem intermediática: lendo imagens e tipos em Dom Pantero, de Ariano Suassuna”, nos dá uma ótima contribuição ao ler a obra de Suassuna, propondo uma leitura articulada entre texto, signos visuais e elementos paratextuais, que trazem à cena a monumental obra de Ariano como potente composição heteróclita.

Esta seção contempla também “A poesia está na rua: “pichação poética” e diálogos entre poesia e graffiti no Brasil”, em que a reflexão partilhada por Augusto Correa Cipriani “abre a possibilidade de se ‘pensar com graffiti’ como forma alternativa de compreensão da literatura e da arte contemporâneas”, aproximando as discussões de poesia e graffiti nas cidades brasileiras tomadas por pichações.

Por fim [...] “La jornada vanguardista de los pintores cubistas a través de Jusep Torres Campalans”, de Ana Cláudia de Oliveira da Silva, traz uma biografia fictícia de um pintor cubista que, como a autora ressalta, nunca existiu. O engodo integra o projeto ficcional deste romance do espanhol Max Aub; quanto à análise desenvolvida, propicia ouvir as diferentes vozes utilizadas no relato para retomar reflexivamente o contexto histórico e cultural deflagrador das vanguardas.

A segunda seção reúne textos que analisam processos de transposição midiática envolvendo as relações da literatura com o cinema, os quadrinhos e a música.

Dentro dessa perspectiva, os dois primeiros artigos se debruçam sobre as especificidades dos processos de adaptação da literatura para o cinema. No primeiro, “Memória e atualização na adaptação de Gabriela, cravo e canela”, Márcia Gomes e Gedy Weis Alves analisam como os momentos históricos em que se dão as adaptações do romance de Jorge Amado para as novelas da Rede Globo (1975 e 2012), influem fortemente no produto final. João Pereira Loureiro Junior, Augusto Sarmento-Pantoja propõem, por sua vez, em “O infilmável nas adaptações de Dom Quixote” analisar algumas dessas obras adaptadas sob o viés da tradução cinematográfica, compartilhando uma arguta discussão em torno do *Infilmável*, segundo os autores, uma “categoria pensada para entender os mecanismos de negação e impossibilidade que se coloca no âmbito da tradução de obras literárias para o cinema/TV”. Outra mídia contemplada são os quadrinhos. No artigo “Representação de mídia e transmidiação em quadrinhos: o caso de Sabrina, de Nick Drnaso”, Camila Augusta Pires de Figueiredo busca mostrar a produtividade de uma análise voltada ao exame dos processos de transmidiação e representação de mídia na compreensão de como as mídias comunicam informações específicas e com que finalidade nos vários contextos a que se aplicam.

Já em “Um canto no tempo: narração espaçotemporal na *graphic novel* *Aqui*, de Richard McGuire”, Ana Claudia Munari Domingos e Miriam de Paiva Vieira se apropriam do conceito de modalidade espaçotemporal formulado por Lars Elleström “em que o narrador se mostra como essa câmera fixada pelo tempo, mostrando, a partir de uma janela, um canto da casa como uma personagem-testemunha de uma longa história. Para tal, fazemos convergir teorias da intermedialidade, da ficção e dos quadrinhos, em suas relações com a arquitetura”. A delicada complexidade do artigo demonstra os surpreendentes alcances da abordagem intermediática em seus múltiplos vieses.

Os três artigos seguintes buscam pensar as relações entre a literatura e a música, em seus diversos tons e graus de saturação nas misturas. Em “Do Livro ao LP: crônica de costumes e referências intermediáticas em Quarto de despejo – Carolina Maria de Jesus cantando suas composições”, Dirlenvalder do Nascimento Loyolla e Cinara Antunes Ferreira levantam uma obra pouco conhecida: o disco gravado pela escritora brasileira expande, para o plano das canções, a crônica de costumes do espaço social em que vivia a escritora. A discussão sobre minorias prossegue em “A canção Kikiô – uma discussão sobre as narrativas indígenas a partir dos arranjos nas gravações da banda Tarancón e de Almir Sater”, no qual Laís Fujiyama,

William Teixeira buscam, a partir da canção *Kikiô*, de Geraldo Espíndola, nas gravações da banda Tarancón e Almir Sater, discutir a relação entre as músicas e as narrativas dos povos originários.

Em “A resignificação da música em Todas as manhãs do mundo de Pascal Quignard”, Gibran Araújo de Souza propõe, a partir dos desenvolvimentos teóricos complexos e mais relevantes sobre o fenômeno das descrições literárias de música, a construção de um modelo de análise da dimensão musical do texto literário.

Encerrando a seção, “Do audiolivro ao livro: um estudo intermidial sobre Mulher Maravilha (2020)”, de Chico Felitti, Jaimeson Machado Garcia, Cristiane Lindemann compartilham, em proposta comparativa, semelhanças e diferenças decorrentes do processo de transmidialidade intermidial, nomeada por Lars Elleström (2021) como transformação de mídia. O objetivo é investigar a forma como isso afeta a mediação e a percepção e em que medida o livro *Mulher Maravilha* (2021) representa ou não uma alternativa ao audiolivro.

Na terceira seção deste número – SOLETRAS 46 -, reunimos os textos que se debruçam sobre as novas experiências de produção, circulação e recepção literária no mundo digital.

Em *Achados intermediáticos na literatura eletrônica de Wattpad*, Jennifer da Silva Gramiani Celeste e Rogério de Souza Sérgio Ferreira investigam minuciosamente as potencialidades que as plataformas digitais oferecem para a criação literária a partir da obra *Aika*, de Lúcia Lemos. Segue-se o instigante estudo acerca de **O Instagram de João Paulo Cuenca como epitexto intermediático de sua obra *Descobri que estava morto***, por Rochele Moura Prass e Ernani Mügge. A proposta se desenvolve através do cotejo de seis *posts* do autor no seu perfil no *Instagram*, publicados entre 2016 e 2020, com a narrativa, e busca mapear e entender os efeitos dessa estratégia para a leitura e para a inserção na literatura contemporânea. Quanto ao artigo **Intermidialidade na instapoesia de Daniel Minchoni**, análise pormenorizada de Roberta Santos Miranda e Marlúcia Mendes da Rocha, traz à cena da discussão a prática dos “Instapoetas” que, como explicam as autoras, “produzem conteúdo literário nesse espaço cultural, virtual e plural para expor e criar poesia digital a partir das ferramentas disponibilizadas pelo aplicativo”. O estudo visa compreender essa relação específica palavra/ imagem da palavra, em seu respectivo processo de fusão/transformação midiática.

Esta seção se encerra com o consistente artigo da nossa pesquisadora convidada da Universidade do Cairo, Marie Therese Abdelmessih, intitulado **Post-Media poetics in a digital composite: The Oriental Dancer**. Trata-se um estudo interessantíssimo e inovador, e o alto nível da teorização e do vocabulário específico sinaliza a profundidade da reflexão. O artigo aborda a remixabilidade profunda em dança, filme, software, mídia e metaficção em *The oriental dancer*, um projeto digital composto por Sadim Mansour-Rondeau (2022). O objetivo é contestar antigas construções antropocêntricas pertencentes à dança e à estética. A atenção é dada à inventividade técnica e à criatividade em três compósitos digitais do projeto, no quadro das noções deleuzianas-guattarianas e derridianas, juntamente com pós-mídia e estudos de software.

Finalizando o número, compartilhamos a entrevista com o pesquisador James Cisneros, da Universidade de Montreal, que nos brinda com análises e problematizações que só revitalizam esse vasto campo que vem responder às urgentes demandas contemporâneas - a Intermedialidade.

Esperamos que esse encontro intermediático que o presente dossiê conclamou, parafraseando Marie Thérèse Abdelmessih, “*generates a poetics of potentiality that releases infinite modes of becoming, a gateway to open possibilities of future reinvention*”.⁴

Referências

BRUHN, J. O que é midialidade e (como) isso importa? Termos teóricos e metodologia. In: FIGUEIREDO, C.; OLIVEIRA, S. R. de.; DINIZ, T. F. N. (org.). *A intermedialidade e os estudos interartes na arte contemporânea*. Santa Maria: UFSM, 2020.

GARRAMUÑO, F. *Frutos extraños*: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

RANCIÈRE, J. *O espectador emancipado*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

⁴ “Possa gerar uma poética da potencialidade que libera modos infinitos de devir, uma porta de entrada para possibilidades abertas de reinvenção futura” (tradução nossa)